



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE



CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO COM FOCO EM ENSINO E APRENDIZAGEM

MARIA DAS DÔRES VENÂNCIO MARQUES

**PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO NA E.M.E.F. BENEDITO VENÂNCIO DOS SANTOS**

CUITÉ/ PB
2013

MARIA DAS DÔRES VENÂNCIO MARQUES

**PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO NA E.M.E.F.BENEDITO VENÂNCIO DOS SANTOS**

Trabalho de Pós Graduação apresentado ao Curso de Especialização com Foco em Ensino-aprendizagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência para obtenção do título de Pós-graduada em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Denise Domingos da Silva

**CUITÉ/PB
2013**

MARIA DAS DÔRES VENÂNCIO MARQUES

**PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO NA E.M.E.F.BENEDITO VENÂNCIO DOS SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado pela aluna Maria das Dôres Venâncio Marques, do Curso de Pós-Graduação: Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem, tendo obtido o conceito _____, conforme a apreciação da Banca Examinadora.

Avaliado em 12 de Dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Denise Domingos da Silva (Orientadora)
(UFCG/CES/UAE)

Prof. Dr. André Antunes Martins (Titular)
(UFCG/CES/UAE)

Prof. Dr. João Batista Silva (Titular)
(UFCG/CES/UAE)

Dedico a todos os docentes da rede pública de ensino que mesmo com tantos desafios presentes no cotidiano escolar, contribuem para a aprendizagem dos discentes, motivando-os a lutar por uma sociedade mais igualitária.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pela força maior que guia nossos caminhos nos fortalecendo com suas bênçãos, nos concedendo sabedoria e proteção.

Aos meus familiares pela compreensão dos momentos ausente.

Ao meu esposo Crisólito Marques pelo apoio e dedicação na realização deste estudo, à minha filha Crisley pelo carinho e compreensão.

Aos docentes da E. M. Benedito Venâncio dos Santos que disponibilizaram um pouco do seu precioso tempo para ouvir e responder nossos questionamentos, com paciência e sabedoria.

A turma da Especialização que muito nos ensinou, onde tivemos momentos de troca de experiências e companheirismo.

Aos Mestres da UFCG/ CES – pela maneira carinhosa com que nos incentivaram a sermos professores pesquisadores, como também mostraram através de suas práticas pedagógicas que o aprendizado percorre por toda a vida do indivíduo.

Por fim, dedico em especial a minha orientadora Dr^a Denise Domingos da Silva que em todos os momentos que precisei esteve sempre empenhada a me ajudar, me dando força para seguir em frente e acreditando no meu potencial.

“Se aceitarmos que a criança não é uma tábula rasa onde se inscrevem as letras e as palavras... Se aceitarmos que o “fácil” e o “difícil” não podem ser definidos a partir da perspectiva do adulto, mas da de quem aprende...”.

(Emília Ferreiro)

RESUMO

O presente estudo aborda a importância estratégica de ações e projetos de formação de professores. Este estudo foi desenvolvido na Escola Municipal Benedito Venâncio dos Santos, localizada no Município de Cuité – PB, especificamente nas primeiras séries do ensino fundamental I. O objetivo deste estudo foi analisar as distintas percepções dos docentes da referida instituição a cerca dos processos de alfabetização e letramento. Esta temática é bastante explorada nas formações continuadas oferecidas pelo Ministério de Educação (MEC), com o intuito de ampliar um leque de conhecimento com o trabalho de pesquisa, além de apresentar diferentes reflexões sobre os processos de alfabetização e letramento, a partir da teoria que fundamenta esse trabalho e dos relatos obtidos pelos docentes investigados, onde os mesmos baseiam-se em suas experiências. Foi utilizado metodologia qualitativa e como instrumentos de pesquisa a observação do espaço escolar, como também um questionário contendo 12 (doze) questões relacionadas à temática em estudo, aplicados a 9 (nove) educadores da referida instituição. Mediante tais procedimentos, finalmente percebeu-se que os resultados apresentaram os processos de alfabetização e letramento apontados como bastante complexos, além da conciliação entre ambos os processos serem considerados pela maioria dos educadores como um grande desafio a ser seguido. Portanto, notaram-se vários avanços significativos, sendo que a temática em questão apresenta-se com muitas vertentes e que pode ser mais ampliada, visto que contempla toda a formação do cidadão. Concluiu-se que este estudo favoreceu para que os professores refletissem entre formação continuada e práticas de alfabetização e letramento.

Palavras Chave: Alfabetização, Letramento, Prática Docente.

ABSTRACT

This study approach of the strategic importance of actions and projects to train teachers. This study was conducted at the municipal school Venâncio Benedito dos Santos, situated in the Cuité City – Paraíba, specifically in the early grades of school fundamental I. the main objective of this study was to analyze the different perceptions of the teachers the mentioned institution about to the process of alphabetization and literacy. This theme is much explored in the formations continuous offered for Ministry of Education (MEC), with objective the extend a range of knowledge with research's work, besides presenting reflexions different about the process of alphabetization and literacy, from the theory what fundamented this work and narration obtained from the teachers' examined, where they are based on their experiences. We used the qualitative methodology and as instrument of research the observation of the school environment, also a questionnaire containing twelve (12) questions relating to the topic in study, applied to nine (9) teachers of the mentioned institution, through these procedures, finally realized that the results showed the process of alphabetization and literacy pointed as quite complex, beyond the conciliation of both process are considered by the most of teachers as a big defiance to be follow. wherefore, were noted several significant advances, being which the topic in question present itself as many strands and can be most expanded, because contemplates all formation of the citizen. It was concluded what this study favored so that teachers to reflect themselves between education continuous and practices of alphabetization and literacy.

Keywords: Alphabetization, literacy, teaching practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 CONCEITUANDO A ALFABETIZAÇÃO.....	14
1.1.2 Um breve histórico da alfabetização.....	14
1.1.3 Concepções teóricas sobre o processo de Alfabetização.....	16
1.2 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA.....	21
1.2.1 Reflexões a cerca do processo de letramento.....	21
3. METODOLOGIA.....	25
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
4.1 Observações das práticas docentes na E. M. Benedito Venâncio dos Santos.....	26
4.2 Análises do Questionário.....	32
5. CONCLUSÕES.....	45
6. REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Os processos de alfabetização e letramento são temáticas amplas, instigantes e bastante complexas, que sem dúvida são um grande desafio presente na prática dos educadores do nosso país, pois atualmente estamos vivenciando momentos de constantes transformações. No decorrer das últimas três décadas, pesquisas apontam diversos problemas nos processos de alfabetização de crianças no âmbito escolar. Fatores como: insatisfação, anseios e angústias por parte dos educadores, além da omissão do poder público e da falta de consciência da população diante do fracasso escolar, resultante das dificuldades que se encontra em alfabetizar, visto que a alfabetização é a base para que o educando tenha êxito nas séries seguintes, ou seja, se estende ao longo da vida.

Ao analisar criticamente a realidade educacional brasileira é notória a grande preocupação da gestão escolar em avaliar os progressos da educação medidos através de números. Nesse sentido podemos indagar que o que está sendo levado em consideração é a quantidade desses dados e não a qualidade da educação, no entanto esse modelo educacional coloca o indivíduo numa situação de competitividade, individualismo, deixando os valores culturais em segundo plano.

Apesar das dificuldades elencadas, a educação vive um novo panorama social, integrado as inovações tecnológicas, que muito tem acrescentado à ampliação dos processos de alfabetização e letramento, ou seja, estamos vivendo na sociedade do conhecimento, por isso há uma enorme necessidade de se repensar como serão conduzidos esses processos e a prática social dos educandos em prol a atingir os objetivos educacionais.

Tendo em vista que nos dias atuais a busca por conhecimento vem sendo considerada um processo contínuo e necessário para inserir o indivíduo no contexto social, sendo preciso que se faça uma leitura da realidade como um todo, visto que, gradativamente o conhecimento está se tornando um alicerce para a formação de profissionais em todas as áreas do conhecimento.

Considerando que através da educação, o sujeito ascende social, moral e intelectualmente, questionando, em busca de novas ideologias, a fim de se ter diversas interpretações para o desenvolvimento de um senso crítico. Ressalta-se nesta perspectiva

que um indivíduo consciente dos seus direitos e deveres tem forte influência no meio ao qual está inserido

Partindo deste pressuposto, afirma-se que o ato de alfabetizar é considerado como a peça fundamental para o início do processo da vida estudantil de um indivíduo. É neste momento que o educando encontra-se pela primeira vez com as letras, com seus sons, suas formas escritas, seus signos e símbolos, resultando assim, no desenvolvimento da formação do cidadão, aprendendo a enxergar melhor o mundo a sua volta, dando-lhe visibilidade em um mundo plural e, ao mesmo tempo, individualista.

Tendo como base este sistema de representação é que o indivíduo começa ou tenta decifrar, codificar estes códigos, estes símbolos que são as letras, a escrita de forma geral. Portanto, é através destes dois processos de desenvolvimento, o da leitura e o da escrita, que se norteou a base para o decorrer deste trabalho, como também o trabalho em sala de aula dos docentes da escola acima citada.

Veremos ainda como o conceito de alfabetização no decorrer dos anos de 1980 vem sendo ampliado, mais precisamente com a contribuição dos estudos da psicogênese, da aquisição da língua escrita, a partir dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, pois estes podem ser caracterizados: “Como um processo ativo por meio do qual a criança desde os seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação”. (MEC, p. 10. 2007)

Iremos abordar também o conceito de letramento, que surgiu como uma ampliação ao conceito de alfabetização, mesmo sabendo que ambos são processos diferentes, não se pode pensar nas habilidades sociais sem a junção dos mesmos, visto que ambos permeiam o âmbito escolar e social. No entanto, será neste raciocínio que se aborda o contexto do letramento, analisando como este faz parte do desenvolvimento social do ser humano, fazendo parte de seu aprendizado ao longo dos tempos e das suas demais conquistas, desde as suas reflexões até as mais incríveis invenções tecnológicas que faz parte deste ser na atualidade.

De acordo com o que nos afirma a Kleiman (2005), a prática da escrita está presente em quase todas as situações vivenciadas em nosso cotidiano, principalmente as pessoas que vivem nas grandes cidades, as quais tendem a ter mais contato com

ambientes mais letrados, caso contrário para aqueles que moram na zona rural ou em cidades pequenas, tem-se menos contato visual com a escrita. Então, veremos o quanto o meio social, rico em escrita, pode ampliar o processo de alfabetização e letramento, uma vez que, mesmo estes sendo processos diferentes, se inter-relacionam na prática social.

Será, portanto, através destes dois processos de desenvolvimento, o da leitura e o da escrita, que serviram de base para o decorrer deste trabalho, como também o trabalho em sala de aula dos docentes da escola acima citada, tendo como suporte teórico alguns pesquisadores e estudiosos destes assuntos que procuramos desenvolver, como também os diferentes níveis dos processos de alfabetizar e letramento dos alunos das séries iniciais.

Acreditando que este estudo nos trará para o decorrer da nossa vivência um leque relevante de experiências, não só para quem está propondo este estudo, como também para todos os envolvidos que iram participar desta pesquisa, e, conseqüentemente dos que dela se deleitam com a leitura, procurando se integrar, ou seja, de certa forma participando diretamente ou indiretamente fazendo a educação acontecer, deixando-a sair do papel, puramente burocrático e caminhando rumo a uma prática problematizadora.

Ao adentrar no contexto da referida escola houve a preocupação de analisar as percepções dos educadores sobre os processos de alfabetização e letramento, onde tivemos a oportunidade de ouvi-los e observar à prática pedagógica destes através de seus métodos e metodologias, conhecendo como eles desempenham em sua labuta estas duas formas de levar os alunos a compreensão do mundo ao qual circundam. Para que de fato houvesse uma interpretação mais profunda deste estudo faz-se necessário que conheçamos como se iniciou os processos em questão.

Diante dessa perspectiva aborda-se na primeira parte um breve histórico do processo de alfabetização até os dias atuais, com o intuito de mostrar os avanços no campo educacional, que vêm ocorrendo de maneira gradativa e processual. Neste contexto, enfocaremos a importância do educador levar em consideração em sua prática à compressão da realidade que o cerca, de modo que eles não restrinjam o ato de ler a memorização de conteúdos. Faremos descrições acerca dos processos de leitura e escrita, retratando que ambos os processos não se “esgotam” simplesmente na leitura da palavra, mas que percorrem ao longo da vida.

Na segunda parte enfocaremos a prática do letramento, que deve estar voltada a consolidação desse processo no meio social como prática presente por todos os lugares, onde estejamos. Por esta razão, faz-se necessário que seja compreendida a metodologia desenvolvida pelos educadores no espaço escolar, para que em virtude dos procedimentos aplicados, os docentes possam conseguir atingir as metas relacionadas ao processo de alfabetização e letramento.

E na terceira parte descreveremos os relatos de práticas e experiências vivenciadas pelos professores ao longo do desenvolvimento deste estudo. Como também se destacam as dificuldades presentes no cotidiano da sala de aula, as diferentes concepções sobre a referida temática exposta pelos mediadores do processo de ensino aprendizagem.

Com base nas respectivas experiências e nos autores que norteiam esta pesquisa, através dos objetivos almejados, do local e pessoas citadas, é que este estudo está sendo posto, vislumbrado, a partir da compreensão, não de quem não só escreve, mas do olhar de quem está iniciando a leitura do mesmo, de forma que ao ser lido e interpretado, as pessoas possam conhecer e aprender, buscando questionar o objeto do que está aqui em pauta. Que este não fique apenas exposto no anonimato, mas que possa ser apreciado, ampliado por outros pesquisadores, não somente dos que vivenciam ou vivenciaram tal prática, como também daqueles que ao lê-lo, descubram novos conhecimentos.

Mediante o grande desafio que é alfabetizar, é interessante que possamos buscar nos aprofundar de forma mais crítica, de tal maneira que se possa compreender a essência destes dois fenômenos em estudo. Para que assim, conhecendo, entendendo de forma teórica e prática, possamos oferecer aos nossos alunos resultados favoráveis que atendam, não só aos alunos, como também a todos que compõem o espaço escolar e, acima de tudo, possa atender as expectativas e os anseios dos educadores.

Mesmo com a complexidade que é alfabetizar, percebemos que os docentes da escola pesquisada procuram atender as expectativas quanto aos processos de alfabetização e letramento, desempenhando a docência pautada em uma prática reflexiva, cooperativa, compromissados com o ato de alfabetizarem, em busca de proporcionar aos discentes uma educação de qualidade, direcionando o currículo escolar a contexto sócio cultural dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

1.1 CONCEITUANDO A ALFABETIZAÇÃO

1.1.2 Um breve histórico da alfabetização

Apresenta-se aqui um breve histórico da retrospectiva do processo de alfabetização até os dias atuais, enfatizando que tanto a escrita quanto às regras de alfabetização fazem parte da vida do ser humano desde os primórdios da civilização a cerca de milênios atrás. A escrita teve início no meio social através das pinturas rupestres em formas de gravuras de animais e pessoas, mais adiante surge à necessidade de diferentes formas de escritas e contagem. O homem começa a cultivar em busca de condições de sobrevivência e gradativamente tem-se a necessidade de contar quantidades em representações de símbolos.

Com relação ao aparecimento das Escolas Normais no Brasil, segundo (Martins 2009), e de acordo com a Lei nº 10, 04/04/1835 do Rio de Janeiro, inicia-se a partir da terceira década do século XIX em 1835. Nesta época os professores eram selecionados no improviso sem formação e péssima remuneração, ainda não existia projetos educacionais, como também não se falava em proposta de formação docente. Mais tarde com os sistemas nacionais de educação e as leis a respeito das instruções públicas nos países europeus e americanos, abre-se espaço para o crescimento e a importância do ensino elementar e da formação de professores.

Ao longo dos anos os discentes usavam a escrita como reprodução de cópias existente, e em seguida era que elaboravam seus próprios textos, mediante tais considerações os mesmo eram considerados alfabetizados, pois já havia aprendido a escrita padrão, neste modelo de educação havia pessoas que usavam esse aprendizado linear para poder gerenciar seus negócios próprios. Entretanto o surgimento das cartilhas deu-se devido à chegada da imprensa juntamente com a precisão de se alfabetizar um número maior de pessoas em nível individual.

Mediante esta necessidade surgem as cartilhas ilustradas, que também tinham como objetivo incentivar o indivíduo a mera reprodução, mas essa forma de educação era eficaz nesse período da história. Após o surgimento da Revolução Francesa, a alfabetização torna-se uma matéria escolar, tendo como meta alfabetizar. As crianças

eram alfabetizadas por meio do método tradicional com cartilhas através do BA, BE, BI, BO, BU.

Com base nas ideias apresentadas por CAMBI (1999), nota-se que:

“O vínculo pedagogia-sociedade, justamente, aparece doravante como um dos grandes temas/ problemas estruturais da pedagogia contemporânea, ligado ao seu profundo envolvimento social e político, bem como à relação com a ideologia que caracteriza tal envolvimento”. (CAMBI, p.384, 1999).

De acordo com a afirmação acima referenciada pode-se contextualizar que desde a Revolução Industrial até os dias atuais, tanto a alfabetização quanto a prática pedagógica, ambas na maioria das vezes estão vinculadas ao meio político e social que estão inseridas, gerando um processo gradativo e ideológico ligado determinados pelas elites sociais e políticas, perdurando até os dias atuais.

Nesta perspectiva e de acordo com BRITO (2012), o método de alfabetização começa a ganhar espaço, e as cartilhas sofrem modificações passando a livros de alfabetização, para assim poderem atender a demanda das famílias de menor poder aquisitivo, porém, com o uso das mesmas o conhecimento vai se ampliando. Em meio a esta demanda a leitura deixa de ser prioridade, e então a escrita ganha espaço, dando vez aos textos infantis, que por sua vez eleva o grau de conhecimento e muitas crianças evadiram das escolas por não conseguirem acompanhar o grau de ensinamento neste modelo educacional.

Segundo a autora acima mencionada, com o surgimento dos métodos de alfabetização e apesar dos mesmos terem contribuído no desenvolvimento da educação, a quantidade de crianças evadidas foi bastante significativa, levando a população a uma reflexão, questionando-se a o que fazer? Para transformar a realidade, grande parte dos docentes que lecionavam com os materiais ultrapassados não conseguiam transformar a realidade, além de não reconhecerem que o processo de alfabetização não acontece de forma isolada do meio social.

Pensando criticamente na realidade atual, analisa-se que poucas mudanças ocorreram com relação aos métodos de alfabetização ao passar dos tempos, apesar do uso da cartilha ter diminuído, continua-se reproduzindo práticas pedagógicas existentes nos livros didáticos, contudo, mesmo com o predomínio do referido modelo educacional,

temos professores em nosso meio escolar desenvolvendo práticas pedagógicas criativas, inovadoras, e que envolve em suas metodologias o processo de interdisciplinaridade.

Neste contexto pode-se perceber que a construção da escrita, é um processo de longos anos, que a cada dia contribui de maneira significativa na inserção do ser humano ao meio social, não se remete apenas a memorização de letras, de palavras e/ou frases. Pois através de sua simbologia nos conduzem a novos instrumentos de pensamentos, visto que ao lermos uma determinada informação evolui a capacidade de memória e aquisição de informações. Proporcionando-nos distintos modos de interagirmos com outras pessoas e com o conhecimento.

Em virtude da necessidade de se produzir algo novo no campo educacional emergem recentemente as teorias de ensino construtivista, baseadas nos estudos do biólogo Jean Piaget, a qual tem como foco a interação do indivíduo com o meio, considerando que o mesmo ao se desenvolver internamente e externamente vivencia momentos de adaptabilidade ao meio o qual está inserido. A referida corrente pedagógica representa uma transição no sistema tradicional de ensino.

A ideia construtivista contrapõe a teoria tradicional, desconsiderando que o aprendizado se dá através da repetição, ou simplesmente da leitura isolada de códigos, sem significado para o ser aprendente. Na perspectiva atual de educação o aluno é considerado como um sujeito com significados próprios, capaz de criar, recriar, dono da sua auto regulação pessoal.

1.1.3 Concepções teóricas sobre o processo de alfabetização

A escola neste contexto é um caminho, onde se busca o conhecimento científico e sistematizado, e que tem forte influência na transformação do ser humano, sendo capaz de conscientizar o homem a respeito das questões sociais. Neste caso referenciamos a educação como sendo um processo amplo e contínuo que com o processo de modernização atual torna-se cada vez mais complexa e necessária usá-la como um instrumento de libertação, por parte das classes oprimidas.

Diante de tais exigências em diversas áreas do conhecimento, para a realização desta pesquisa fez-se necessário fazer um levantamento bibliográfico a cerca das teorias que abordam o processo de alfabetização. No decorrer dos anos de 1990 o conceito de alfabetizar deixou de se restringir apenas a ensinar a ler e a escrever, e a linguagem

escrita passa a ser considerada por muitos pensadores da educação como sendo um objeto social, por fazer parte do meio social, não pertencendo propriamente ao meio escolar tornando-se assim um processo mais complexo. Mais precisamente com os estudos de um dos maiores intelectuais do século XX, Paulo Freire, que a partir de suas pesquisas revolucionou a educação num sentido mais amplo. Dentro deste contexto explicativo sobre a alfabetização que em suas afirmações nos asseguram que talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização:

“Aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se [...] Tendo como ideia animadora toda a amplitude humana da educação como prática da liberdade, o que em regime de dominação só pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma pedagogia do oprimido”. (FREIRE, P. 12, 13, 2013).

Como vimos até então e de acordo com a afirmação anteriormente citada, podemos analisar que o processo de alfabetização, vai muito além do simples ato de leitura escrita, pois todo o decorrer desse processo deve partir da vivência de mundo do indivíduo, de sua própria história. Pois somente dessa forma o ser humano no decorrer de sua vida torna-se liberto das práticas de dominação, tornando-se assim consciente de suas ações e opções.

Ainda nesta concepção acrescentamos que é através da interação com o outro que vamos recriando criticamente o mundo, não aprendemos apenas na escola, mais através das trocas de experiências com as demais pessoas. Cabendo ao mediador criar condições favoráveis a dinâmica do grupo, procurando intervir no processo de ensino aprendizagem somente quando for necessário. O alfabetizando como um ser social é capaz de associar a língua como um objeto de sua cultura, contudo sente necessidade, como também é desafiado a descobrir de que maneira ela se constitui. O ser humano ao escrever expressa suas ideias e sentimentos de forma autônoma, inspirando-se em seu meio cultural.

Na medida em que nos expressamos iremos sentido necessidade de conhecer novas palavras, a fim de ampliarmos nosso vocabulário. Daí a importância da escrita livre, visto que reproduzimos aquilo que vivenciamos, conhecemos, diferentemente da prática de reproduzir o que nos é “imposto”, “prescrito”, pois conforme tal ótica pode-se formar cidadãos passivos, fáceis de serem manipulados pelas classes opressoras.

O processo de alfabetização na perspectiva freiriana vai além do aprender a ler e escrever, é um processo que jamais acaba, percorre ao longo da vida. Ao desenvolver um método de alfabetização Paulo Freire para alfabetizar tomava como ponto de partida palavras presentes no contexto do indivíduo, algo que ele fosse conhecedor, portanto, a capacidade do indivíduo de se expressar é bem mais relevante para sua formação, pois o grau de propriedade para dialogar é bastante significativo para a vida escolar, como também para a prática cotidiana.

Dando continuidade a esse enfoque, em consonância com o autor acima falado não se pode deixar de considerar o pensamento da pesquisadora Emília Ferreiro, na qual faz críticas as práticas de alfabetização do ensino tradicional, que o que é relevante neste sentido são os métodos desenvolvidos pelo educador, deixando de levar em conta:

“As concepções das crianças sobre o sistema de escrita. Se aceitarmos que a criança não é uma tábua rasa onde se inscreve as letras e as palavras; Se aceitarmos que o “fácil” e o “difícil” não podem ser definido a partir da perspectiva do adulto, mas da de quem aprende, então deveríamos aceitar que os métodos não oferecem mais do que sugestões, incitações.
“(FERREIRO P. 32, 2011)”.

Partindo deste contexto, veremos que os métodos de alfabetização se fazem necessário na prática docente, mas não são eles que dão origem ao conhecimento. O indivíduo já traz consigo um saber cultural, uma vivência presente em diferentes experiências existentes em práticas que levam a criança a pensar, outras são estabelecidas como um conjunto de coisas fechadas, como sendo verdades absolutas. Ainda ressaltando que nenhuma prática pedagógica é neutra, todas de certa forma se apoiam no modo de conceber no processo de ensino aprendizagem, diferentemente dos métodos, elas tem efeitos em longo prazo.

Daí a importância do educador fazer uma reflexão epistemológica, a respeito do que e do como ensinar, para então aproximar-se dos conhecimentos prévios dos educandos. As reflexões até o presente momento feitas, parte do quanto é necessário à formação docente, numa perspectiva processual e gradativa, conforme implica Freire (2011). *Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar, as possibilidades para suas próprias produções ou a sua construção.* Como professor, num processo constante de formação continuada, não devemos nos prender apenas a teoria, mas considerar dentro do processo de ensino aprendizagem que teoria e prática são processos indissociáveis.

Dando continuidade ao pensamento de Freire, analisa-se que o ato de ensinar não requer do docente apenas a transmissão de conhecimento, mas que o espaço educativo favoreçam meios para que o educando se desenvolva, e o professor se posicione como mediador do conhecimento, sendo capaz de intervir no processo de ensino aprendizagem somente o necessário, e não que se apresente como detentor do conhecimento, aquele que sabe mais. Daí a necessidade de estarmos constantemente participando de cursos de formações em busca de compreender como caminha o processo de alfabetização.

O professor das series iniciais precisa ser capacitado, valorizado pelas esferas políticas, de um olhar diferenciado por parte do governo, pois é no ensino fundamental que se constrói a base de uma educação futura. De acordo com as observações cotidianas do meio escolar analisa-se que o índice de crianças que saem dessa fase de ensino apresentam significativas dificuldades no processo de escrita, como também não conseguem ler um pequeno texto e interpreta-lo.

É uma prática comum ainda nos dias atuais ouvirmos os pais e o corpo docente de algumas instituições de ensino culpar os métodos de alfabetização atuais como sendo culpabilizados pelas falhas no processo de leitura escrita dos discentes. Expressões como “*Antigamente aprendíamos mais do que se aprende hoje com esse modelo novo de educação*”. Salienta-se que os métodos de trabalho utilizados há anos atrás não correspondem mais com a realidade de uma sociedade em momentos de diversas transformações tecnológicas. Entretanto, se torna fundamental que se desenvolva novos procedimentos metodológicos, e que esses sejam direcionados e adaptados as mudanças da sociedade contemporânea.

A ideia não é rejeitar a utilização dos métodos de alfabetização, mas acrescentarmos, pois acreditamos que o meio social moderno necessita que o processo de alfabetização que seja constantemente reinventado, envolvendo estratégias didáticas sistemáticas, para que assim possam favorecer a leitura e a produção textual com plena autonomia. Conforme esse pensamento compreende-se que não existe um conceito de prática e método único, ou seja, uma “receita” pronta para o ato de alfabetização, porque a todo instante aprendemos e ensinamos.

Segundo as discussões apresentadas por Emília Ferreiro (2011), sobre prática de alfabetização é um assunto polêmico, centrado nos métodos de alfabetização utilizados: métodos analíticos *versus* métodos sintéticos, fonéticos *versus* global, no método

análítico ou global a aprendizagem parte do todo, de palavras pertencentes ao convívio social da criança, no caso do método sintético tem início das partes para o todo. No método fonético a aprendizagem dar-se num processo segmentado entre fonemas e grafemas.

Mediante tais afirmações Ferreiro (2011), nos confirma que os métodos de alfabetização têm suas vantagens, porém, não se leva em consideração as concepções das crianças sobre o processo de escrita. O que ela pensa? As experiências vividas? Entre outras. De acordo com a compreensão da às crianças não devem ser consideradas como uma tábula rasa, então a aprendizagem na perspectiva dos métodos torna-se “prescrita”, sem incitações, algo determinado, sem a construção do conhecimento.

Neste contexto referenciamos a proposta curricular do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que tem como meta alfabetizar as crianças até o 3º ano das séries iniciais, prevendo em suas ações formação de docentes alfabetizadores, tendo como foco principal um currículo que parte de uma prática de ensino problematizadora e crítica reflexiva, abrindo espaço para que o educador reflita a cerca das concepções do que se deve ensinar? E o que aprender neste ciclo de aprendizagem.

Outro ponto abordado nesta referência é a importância do planejamento didático para o processo de alfabetização, compreendendo que através do planejamento podem-se organizar pedagogicamente os objetivos a serem traçados no decorrer do processo. Conforme o PNAIC (2012) “*Cabe a escolar elaborar um plano sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição*”. Com base nessa ideia é de grande importância que tal proposta seja pensada e repensada, além de levar em consideração as experiências dos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Ao planejar é preciso envolver os professores no coletivo das ações a serem desenvolvidas para que o trabalho não acabe no isolamento de uma única prática pedagógica, mas sim uma prática que ultrapasse as paredes da sala de aula, que reflita no meio social do aluno de maneira positiva, como também é relevante a consciência dos direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização. Uma das metas desse referencial é possibilitar ao discente a apropriação e a consolidação da alfabetização, nessa ótica o planejamento constrói possibilidades ampliadas para cada aluno.

Partindo de uma visão crítica pode-se analisar baseado em nossa prática cotidiana que o (PNAIC) é uma proposta de trabalho que pode futuramente ser proveitosa para o campo educacional, pois formação continuada é necessária para que a equipe pedagógica da escola esteja constantemente inovando sua prática em prol de favorecer a aprendizagem dos educandos. Mas devido à educação ser um campo amplo e complexo, leva-se em consideração que ainda há inúmeras dificuldades enfrentadas pelos educadores no meio escolar, das quais destacaremos aqui a existência de salas de aulas superlotadas, a falta de recursos pedagógicos, escolas com espaços físicos em péssimas condições de usos, entre outras.

No entanto, em meio a muitas dificuldades a proposta do PNAIC funciona no âmbito educacional apenas amenizando o índice de analfabetismo do país, mesmo sendo uma proposta positiva, não é suficiente para resolver as problemáticas presentes na educação.

Ao analisar os livros didáticos aprovados pelo Ministério de Educação (MEC), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2010) veremos que mudanças foram introduzidas para a escolha do livro, que vem nos possibilitar mais diversidade em acervo didático, mas considerando que o professor tem total autonomia para fazer uso de outras matérias didático pedagógico, ao planejar suas aulas.

Neste contexto o livro didático é apenas um apoio pedagógico, que não deverá ser considerado como único recurso pedagógico em prol de favorecer a aprendizagem dos alunos. Nesta compreensão enfoca-se que a possibilidade de escolha do livro didático possibilita aos docentes uma reflexão teórica acerca do melhor ou mais adequada acervo a ser escolhido para auxiliar na prática docente no decorrer do ano letivo.

1.2 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

1.2.1 Reflexões a cerca do processo de letramento

O termo letramento decorre a partir dos anos de 1990 tendo como foco principal ampliar o processo de alfabetização, relevando que o educando é um ser ativo, e que faz parte de um convívio sociocultural, sendo importante ressaltar que o termo letramento é um processo dinâmico, de mudanças, não substitui a palavra alfabetização, mas são

processos associados, que respectivamente para ser alfabetizado nos dias atuais, é muito além de “decodificar” e “codificar” textos. De acordo com Santos (2007).

É poder estar inserido em práticas diferenciadas de leitura e escrita e poder vivenciá-las de forma autônoma, sem precisar da mediação de outras pessoas que sabem ler e escrever. Como cabe à escola garantir a formação de cidadãos letrados, resta-nos construir estratégias de ensino que permitam alcançar aquela meta: alfabetizar letrando. (SANTOS. p.21.2007)

Prosseguindo em consonância com a afirmação da autora acima mencionada compreende-se que é através da inserção do indivíduo em práticas de letramento que mesmo sem ser alfabetizado, ou seja, sem ter conhecimento dos códigos do alfabeto ele tem plena consciência de que a escrita permite comunicação através dos diferentes gêneros sociais que circulam socialmente.

Segundo Kleiman (2005) um exemplo desse conhecimento pode-se ver no filme **Central do Brasil**, onde nos mostra que a prática de letramento só existe por causa da existência de pessoas no mundo atual que não são alfabetizadas, mas tem compreensão do uso da escrita como meio de comunicação. Se pararmos para analisar criticamente o filme percebe-se que uma pessoa analfabeta conhece muito bem a função social do objeto cultural carta.

Quando a personagem principal do filme pede para uma pessoa que é alfabetizada escrever a carta está sendo transcrito para o papel o pensamento da analfabeta, a outra nesta situação é apenas a escriba do gênero, daí a importância de considerarmos que o conhecimento não é objeto somente da escola, e sim social também.

No entanto, será neste raciocínio que iremos trabalhar o contexto do letramento, vendo-o como este processo que faz parte do desenvolvimento social do ser humano, fazendo parte de seu aprendizado ao longo dos tempos e das suas demais conquistas, desde as suas reflexões até as mais incríveis invenções tecnológicas que fazem parte deste ser na atualidade.

Mediante este contexto, percebe-se que ainda é uma dificuldade das escolas não utilizarem a prática de letramento como um meio de ampliação da escrita enquanto processo de escolarização. Entretanto, ainda nos dias atuais está se formando “leitores” com grandes dificuldades de compreensão do contexto o qual estão inseridos. Sendo eles capazes de decodificar qualquer texto, mas apenas isto. Não esquecendo que muitas vezes

as condições de trabalho do professor pouco ou quase nada contribuem, pois existem escolas que não há bibliotecas, para poder auxiliar o docente na realização de uma prática mais eficiente.

Neste pensamento, referenciamos uma das fontes de pesquisa, a pesquisadora Ângela Kleiman que permeia os embates que norteia esta temática conceituando o que vem a ser letramento, que segundo a autora um dos conceitos possíveis para o termo letramento é um: *“processo de desenvolvimento e um uso dos sistemas da escrita na sociedade, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino”*. (KLEIMAN. p. 22, 2005).

Segundo nos afirma Kleiman (2005), à prática da escrita está presente em quase todas as situações vivenciadas em nosso cotidiano, principalmente as pessoas que vivem nas grandes cidades, tendem a ter mais contato com ambientes mais letrados, caso contrário para aqueles que moram na zona rural ou em cidades pequenas, tem menos contato visual com a escrita.

Em consonância com esta ideia analisa-se que um indivíduo convivendo cotidianamente com exposições da escrita conseqüentemente terá mais facilidade em aprendê-la, como também saber usá-la em decorrência das necessidades presentes nas práticas sociais, ultrapassando simplesmente o domínio do sistema alfabético e ortográfico.

Mas não se pode desconsiderar que através do processo de alfabetização é que o sujeito torna-se totalmente letrado, mas não é suficiente se for trabalhada de maneira isolada do letramento, pois são processos inseparáveis, que caminha numa perspectiva de gradativa.

Mediante essa abordagem Magda Soares (2004) salienta que *“Alfabetização e Letramento são processos simultâneos e interdependentes, a criança constrói o conhecimento alfabético e ortográfico em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real”*.

Mas é através das práticas sociais de leitura e escrita que as habilidades e comportamentos são construídos, porém é nesse contexto de alfabetizar letrando que ocorre o processo de ensino aprendizagem inicial, o qual se considera como sendo

relevante para a superação das dificuldades de escrita e interpretação de leitura que enfrentamos no cotidiano escolar, que se bem mediada nesta fase de escolarização, terá êxito nas outras etapas da vida escolar, se apropriando de um saber autônomo com liberdade de tomar decisões e agir em sociedade.

No entanto com base na escrita como objeto sócio cultural considera-se de grande importância sua contribuição na ampliação do processo de leitura e escrita, possibilitando ao sujeito compreender de maneira sistêmica o contexto o qual se insere como também desenvolver sua própria autonomia com relação ao domínio da escrita em diversas situações do cotidiano.

3. METODOLOGIA

Para a execução deste estudo foi escolhido metodologias quantitativa e qualitativa, pautadas nas reflexões propostas teoricamente por (LAKATOS 2003), referenciada devido suas características no que se refere aos instrumentos de coleta de informações, utilizadas ao longo da investigação. Mediante este contexto partimos da compreensão que a metodologia nos remete a um processo de reflexão acerca dos elementos básicos para mediar o pesquisador na ampliação da realidade a ser investigada.

Foi utilizado para coleta de dados a observação assistemática da prática docente sem intervenção pedagógica por parte do pesquisador, a partir daí descreveu-se as metodologias observadas juntamente com os recursos utilizados e um questionário contendo 12 questões abertas, aplicados a 9 professores que foram respondidos pelos informantes sem a presença do pesquisador, para que assim as opiniões diversas de nossos entrevistados sobre o objeto de estudo ora em tela, fossem obtidas sem interferências do pesquisador, onde procurou-se elucidar como são direcionadas as práticas docentes aos processos de alfabetizar letrando, partindo das hipóteses levantadas e dos objetivos que permeiam esta análise.

Segundo Lakatos (2003), a observação é uma fonte riquíssima para a construção das hipóteses existentes, neste caso optou-se pela observação não estruturada, livre, que nos permitiu registrar os fatos da realidade local, sem a necessidade de fazer questionamentos aos envolvidos.

Quanto à obtenção dos resultados através do questionário foi necessário analisar as respostas obtidas em consonância a fundamentação teórica deste estudo a fim de obter um resultado satisfatório, usou-se também trabalhos acadêmicos, artigos científicos e uma análise crítica da realidade local.

Portanto ao desenvolver esta metodologia consideramos os aspectos socioculturais dos docentes e dos discentes da referida localidade, os tempos disponíveis dos mesmos para responderem as perguntas, de forma que eles se sentissem a vontade para com base em suas experiências pudesse contribuir positivamente na realização desta pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Observações das práticas docentes na E. M. Benedito Venâncio dos Santos

É importante ressaltar que através do processo de letramento crianças, jovens e adultos sejam inseridos no mundo da leitura e da escrita, neste sentido é relevante para o processo de ensino aprendizagem que o professor adote prática de leitura diária no espaço escolar, realize exposição de diversas situações de escrita em sala de aula, envolvendo uma diversidade de textos e ilustrações, conforme exemplos abaixo de trabalhos realizados em sala de aula na Escola Municipal Benedito Venâncio dos Santos, mostrando o letramento presente no âmbito escolar:



Figura 01 – Imagem de atividade de Letramento na sala de aula do 1º ano das séries iniciais.

Fonte: Dados da pesquisa



Figura 02 – Imagem de cartaz construção coletiva com os alunos do 2º ano das séries iniciais.

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos perceber na figura 01 acima nos retratam experiências vivenciadas pelos discentes e mediadas pelo corpo docente da escola, de forma que os educandos obtenham contato cotidiano com o mundo da escrita e da leitura. Na primeira imagem temos a construção coletiva das regras de convivência e do cotidiano em sala de aula, como também o quadro de aniversariantes de cada mês do ano, esta possibilita aos discentes o contato diário da turma, como forma de aproximação e sociabilidade através da leitura e da escrita.

Na Figura 02 temos imagens variadas coladas em um cartaz que procura explicitar algumas das etnias raciais que temos na nossa humanidade, mostrando ao alunado a diversidade e pluralidade cultural que temos em nosso planeta e em nosso convívio, com este tipo de leitura procura-se levar aos discentes uma maior e melhor visão do mundo em que estão inseridos e fazer com que, mesmo com a aparente pouca idade dos alunos, os mesmos possam despir-se de toda e qualquer forma de preconceito, sabendo ou aprendendo a conviver com a diferença que está explícita em nossa sociedade.

O contato visual da criança com ilustrações facilita a compreensão e o seu desenvolvimento cognitivo, além de gerar expectativas sobre o texto em estudo, criando uma curiosidade para com o texto, fazendo com que os alunos queiram sempre mais a leitura e procurem saber o seu fim, por isso é de fundamental importância que esse tipo

de atividade passe a fazer parte do cotidiano da criança a partir da educação infantil, pois através desta realidade elas desenvolvam a imaginação e sejam capazes de contextualizar as histórias encontradas nos livros infantis ou em qualquer outro tipo de leitura.

No que se refere ao processo de leitura e escrita recorreremos ainda aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, onde nos propõe afirmar que:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura por um lado, nos fornece a matéria prima para a escrita: o que escrever? (PCNs v. 2, p. 53, 2001).

A prática de leitura permanente favorece a formação de atitudes leitoras dos educandos, além de inseri-los na cultura letrada, e facilitar a prática da produção escrita, tornando-os familiarizados com a diversidade textual. É a partir da inserção desta proposta no âmbito escolar que o discente se torna um leitor competente, capaz de selecionar, dentre a literatura sugerida em sala de aula àquela que lhe interessa e lhe dá prazer.

Nesta perspectiva, o leitor analisa sua leitura e percebe a decodificação como apenas um procedimento que se utiliza quando lê. Ele próprio busca no texto indagações, sendo capaz de tomar decisões mediante as dificuldades de compreensão do que está lendo.

Tal metodologia é desenvolvida no espaço da sala de aula da referida escola, às vezes no pátio, colocando-se um tapete e o baú da leitura com a diversidade de livros do acervo escolar, dos mais simples aos mais complexos, cada aluno escolhe o que quer ler, dependendo do nível de leitura, a professora escolhe com os discentes, dando sugestões de leituras, direcionando as histórias com mais gravuras e que são curtas, para que não se tornem enfadonhos para os mesmos.

Segundo os docentes observados, durante o desenvolvimento dessas atividades, os alunos portadores de necessidades especiais folheiam os livros que tem apenas ilustrações e fazem suas interpretações orais das figuras. Após todos terem lido as histórias silenciosamente, é o momento de a professora contar uma história a qual é escolhida coletivamente pelo grupo de discentes, após ouvirem, os mesmos fazem questionamentos,

dão opiniões, perguntam, etc. A partir desse momento percebe-se que de fato existe interação com a literatura dos envolvidos no processo de leitura.

Com base na história contada pelo educador, dar-se continuidade a aula explorando oralmente à capa do livro, explicando quem são os autores? Quem as ilustrou? Quem foi à editora que publicou o livro? O ano de sua publicação, a biografia dos autores, etc.

Desta forma os alunos irão observar os livros que eles leram, propiciando assim um momento de interação entre a turma e o material usado. Neste contexto é relevante que o professor goste de ler, viaje junto com os alunos no mundo da imaginação, dando vida aos personagens fictícios, saber discorrer com clareza sobre o que foi lido para a turma, esse comportamento encanta os alunos.

O que tange sobre a escrita parte da análise da história contada pela professora, onde posteriormente será realizada uma produção de texto coletiva, tendo como base a leitura ouvida. Os alunos vão dando a ideia e a professora vai anotando na lousa, depois se organiza coletivamente a produção escrita. Conforme forem:

Aprendendo palavras novas, os alunos podem partir para a criação coletiva ou individual de novos textos. Os textos que mais agradarem a turma devem ser reproduzidos, para formar o nosso primeiro livro ou outro nome que se queira dá a coletânea [...] São ótimas sugestões. (CARVALHO, 2010. P. 51).

À medida que vamos reproduzindo, e recontando a história, faz-se coletivamente as interferências sobre os sinais de pontuação, visto que eles ainda não sabem usar adequadamente e depois o texto coletivo fica exposto em sala de aula em forma de cartaz, para assim eles se familiarizarem com a escrita e fazerem consultas de palavras quando necessitarem.

Entretanto, a autora Brandão & Rosa (2005), destaca que os alunos ao consultarem esses textos o fazem como propósito de ativar a memória sobre o que precisam fazer e qual a melhor estratégia para fazê-los. Possibilitando maior facilidade na hora de encontrar informações precisas.

Quando o gênero trabalhado é história em quadrinhos, percebe-se que os discentes acham mais prazeroso, pois os textos são curtos e com poucas letras, além de facilitar o entendimento e tornar-se mais atrativo para os que ainda não leem com, fluência e

também são ricos em recursos como desenhos, gestos, ações dos personagens e onomatopeias, que dão qualidades ao texto.

Assim a compreensão da leitura, a qual é considerada como meta principal no processo de ensino e aprendizagem. A esse respeito, o Fascículo 01 do Curso Formação de Professores do MEC propõe considerar que:

Ler com compreensão inclui entre outros três componentes básicos: a compreensão linear, a produção de inferências, a compreensão global. “A compreensão “linear do texto diz respeito à capacidade de reconhecer informações” visíveis “no corpo do texto e construir, com elas o” fio da meada” que permite a apreensão dos sentidos. (BRASIL, 2007. P. 43).

Mas, para que essas habilidades sejam desenvolvidas com êxito nas séries iniciais é de fundamental importância que sejam exploradas desde a educação infantil, visto que o processo de compreensão não ocorre automaticamente, nem tão pouco é plenamente desenvolvido, precisa se exercitada e ampliada em várias atividades com os alunos, ao longo de toda a trajetória escolar, não somente nas séries iniciais.

Por isso, acredita-se que se deve trabalhar desde a fase inicial da vida escolar da criança, sendo necessário trabalhar sistematicamente. Daí a necessidade do mediador lê em voz alta para os educandos e gerar momentos de discussões em sala de aula. Podemos envolver diversos gêneros textuais como: poemas, textos descritivos, reportagens, contos, fábulas, entre outros.

Ao desenvolver esta metodologia, no dia seguinte a maioria dos alunos perguntam se podem ir a biblioteca escolher livros para ler em casa, e ao retornarem a aula ficam ansiosos para contar para a turma algo que achou interessante da leitura. Então neste momento prazeroso abrem-se espaços para os mesmos dialogarem sobre o que leram em casa e apresentarem as ideias do autor para os demais da turma.

É neste espaço que os alunos são oportunizados a ampliarem o vocabulário, de mostrarem o domínio progressivo na língua oral e escrita e do aumento do conhecimento de mundo. Sabemos que esse é um processo que se espera resultados em longo prazo, contínuo e gradativo, que ultrapassa além dos limites da sala de aula.

No entanto para que se possam alcançar os objetivos aqui propostos é fundamental transformar a prática pedagógica num momento onde todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem participem ativamente, reflitam sobre suas ações cotidianas e acima de tudo reconheçam a diversidade existente no meio social, que cada

ser aprende de forma diferente. Essa é uma estratégia básica que fortalece as habilidades de leitura e escrita. Por isso aprender a ler são eixos fundamentais na vida de uma criança.

O mediador é diretamente envolvido neste processo, pois afinal um professor leitor, apaixonado pelo que faz e que gosta de ler, influencia positivamente no processo de ensino aprendizagem. Ainda nesta análise em consonância com os saberes do educador Freire (2013) que com conhecimento em suas experiências nos afirma que: “*A alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos*”.

Diante do que nos fomenta o autor, o processo de ensino aprendizagem é uma troca de experiências, à medida que se ensina respectivamente se aprende. No entanto, no momento que entramos em sala de aula, devemos está aberto ao novo, à curiosidade e aos questionamentos dos alunos.

Ao adentrar no espaço escolar percebe-se que o indivíduo, mesmo não tendo o domínio da escrita, ele traz consigo seus saberes culturais, sociais e o processo de escrita permanece por todos os lugares, sem falar na mídia que nos últimos anos tem avançado muito, e constantemente vem influenciando no despertar do senso crítico dos indivíduos.

De forma que querendo ou não estamos inseridos neste contexto, e somos levados a nos adaptarmos ao conhecimento novo. O professor principalmente, pois lida com os distintos tipos de saberes. E necessita constantemente na busca de informações precisas e atuais

A problemática a qual nos referimos é mais que tudo cobrada dentro do meio escolar pelo MEC, que visa total domínio nestes dois processos. Mas para que esses avanços ocorram é preciso que os alunos venham tendo progresso em ambos os processos desde as séries iniciais, que é a primeira etapa da educação básica. Investir nas séries iniciais é projetar uma educação de qualidade, pois é da base que se constrói conhecimento, valores humanos.

Mesmo as crianças que apresentam algumas dificuldades na escrita, se bem acompanhadas em sala de aula e pela família conseguem se superar e terem êxito nas demais disciplinas. Além de elas sentirem-se que estão aprendendo, e daí começam a tomar gosto pelo ato de ler e escrever com autonomia sem medo de errar.

E a partir dos “erros” cometidos por elas que se pode tomar como ponto de partida. É interessante que se faça uma análise aprofundada das atividades construídas pelo aluno, até então sem intervenção do professor para que perceba até que ponto o discente avançou em sua escrita.

Em seguida é preciso que se corrija, mas de maneira que eles percebam onde “erraram” e por si refaçam a correção. Com este modelo, o rendimento com relação à evolução da escrita é bem mais consistente. Pois parte da percepção do educando, que está sendo levado a pensar por conta própria.

Portanto, para que todos se sintam motivados e despertem o gosto pela leitura é preciso que essa proposta continue em ativa nas séries posteriores, e não como um processo estanque que se limite numa determinada série. Sendo fundamental exercer no âmbito escolar um trabalho pautado no coletivo, para que aos poucos possamos conhecer os alunos que nos próximos anos estarão conosco numa determinada série. Pois acredita-se que com esta metodologia se é criado um vínculo de interação entre o docente e o discente em sala de aula ou mesmo fora dela, procurando respeitar as diferenças de cada aluno, tentando inseri-lo no contexto que ora está sendo abordado.

4.2 Análises do Questionário

Ao analisar os resultados obtidos no presente estudo, observou-se que dos nove docentes que obtivemos respostas, oito são graduados em Pedagogia, dos oito três possuem Pós-graduação em Ensino e Aprendizagem e apenas um possui graduação incompleta em outra área do conhecimento. (Figura 03).

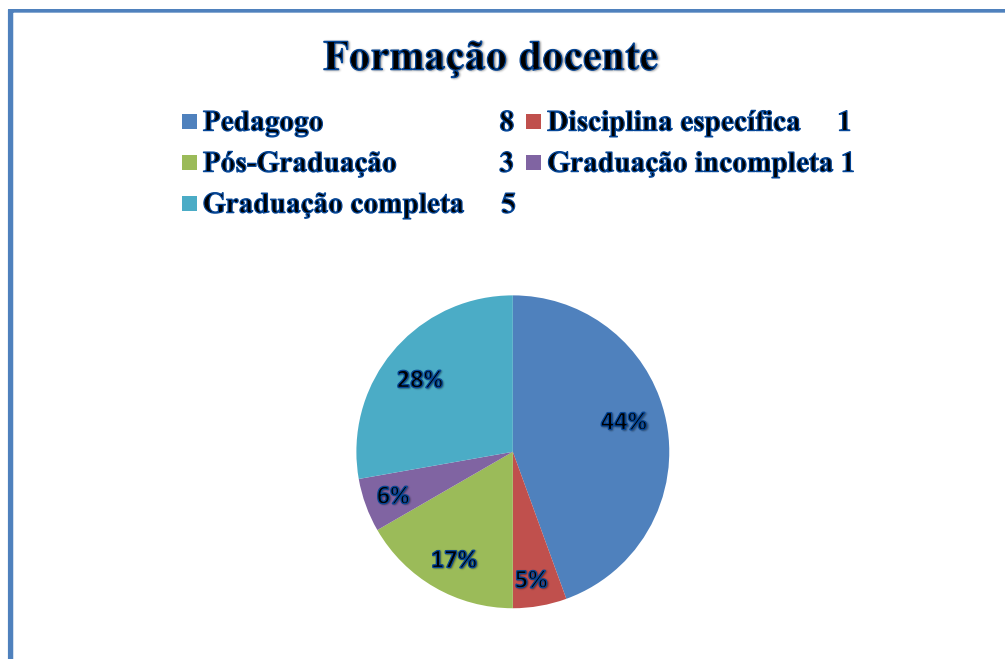


Figura 03: Representação quantitativa dos professores quanto à formação acadêmica.

Com relação à atuação dos docentes citados na distribuição de série por turma, foi analisado que dos nove educadores em exercício, quatro lecionam na primeira etapa da educação básica: Educação Infantil e os demais no Ensino Fundamental I. Todos confirmaram que participam dos cursos de Formação Continuada oferecidos pelo Ministério de Educação MEC. (Figura 04).

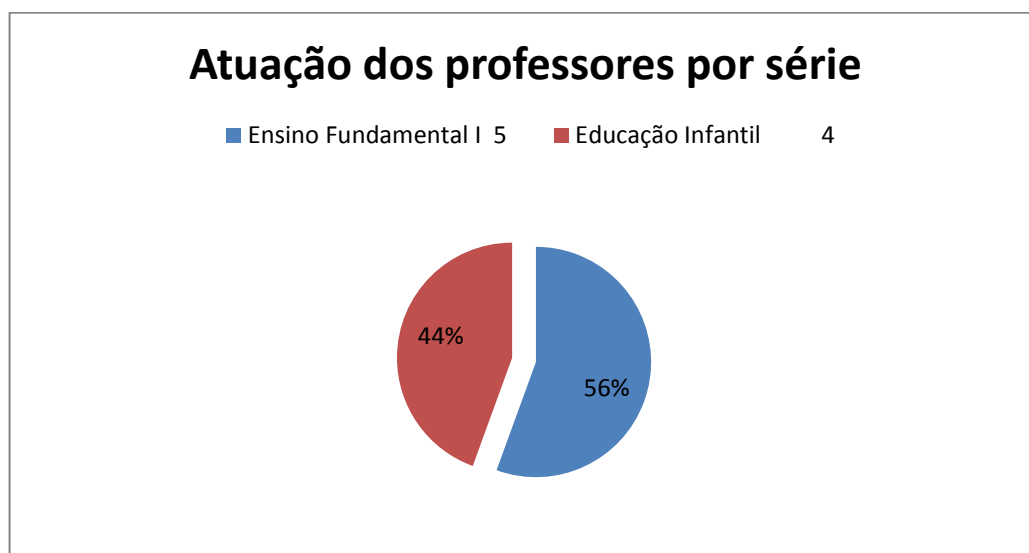


Figura 04: Representação quantitativa da atuação dos professores por série.

Em prol de preservar a identidade dos entrevistados nas questões, foi utilizado códigos para especificar as respostas dos respectivos professores, onde os classificamos como docentes: (A), (B), (C), (D), (E), (F), (G), (H) e (I). Na questão quatro do

questionário tinha: **Qual o número de alunos existente em cada sala de aula?** E a quantidade relatada segundo as respostas obtidas foram:

DOCENTES	Nº DE ALUNOS POR SALA	MODALIDADES EDUCACIONAIS
A	31	Série: 5º Ano
B	20	Série: 3º Ano
C	23	Educação Infantil
D	34	Série: 1º Ano
E	34	Educação Infantil
F	30	Educação Infantil
G	23	Série: 2º Ano
H	30	Educação Infantil
I	31	Série: 4º Ano

QUADRO 1 – Representação da quantidade de alunos por série e por docente

Nas questões 5 e 6 foi realizado um breve levantamento de dados a respeito do: **Tempo de docência de cada docente?** Como também indagamos com a seguinte pergunta: **Você gosta da sua profissão? Justifique sua resposta.** As respostas foram as seguintes: O A afirmou que atua nesta profissão há 13 anos e apenas escreveu que gosta, mas não justificou sua resposta, a B há 13 anos, também afirmou que gosta de ser professora, mas não justificou os motivos, a C está em sala de aula há 5 (cinco) anos, não gosta do trabalho porque *“Não domina tão bem uma turma”*, a D alegou atuar há 15 anos e que gosta de ser professora pois *“É muito gratificante vê as crianças despertando para o mundo da leitura”*. A Docente E ensina há 20 anos e falou que gosta da profissão, não quis justificar, a F relatou que trabalha como professora há 15 anos, que não gosta da docência devido *“A desvalorização desumano do profissional em educação”*, para a educadora G exerce a docência há 16 anos e respondeu apenas que gosta da profissão, segundo a H atua nesta área há 13 anos, e indagou que não gosta da profissão porque: *“Nós sofremos efeitos negativos advindos da relação de poder que desvalorizam o profissional e retiram de nos o poder de autonomia que exercemos em nossa prática, além de afetar a nossa autoestima”*.

Enquanto a educadora I “*Ama ser professora, e que já faz 12 anos que ensino, meu maior prazer é poder contribuir na aprendizagem dos educandos, além do mais me realizo pessoalmente e profissionalmente no que faço*”. Figura 05.

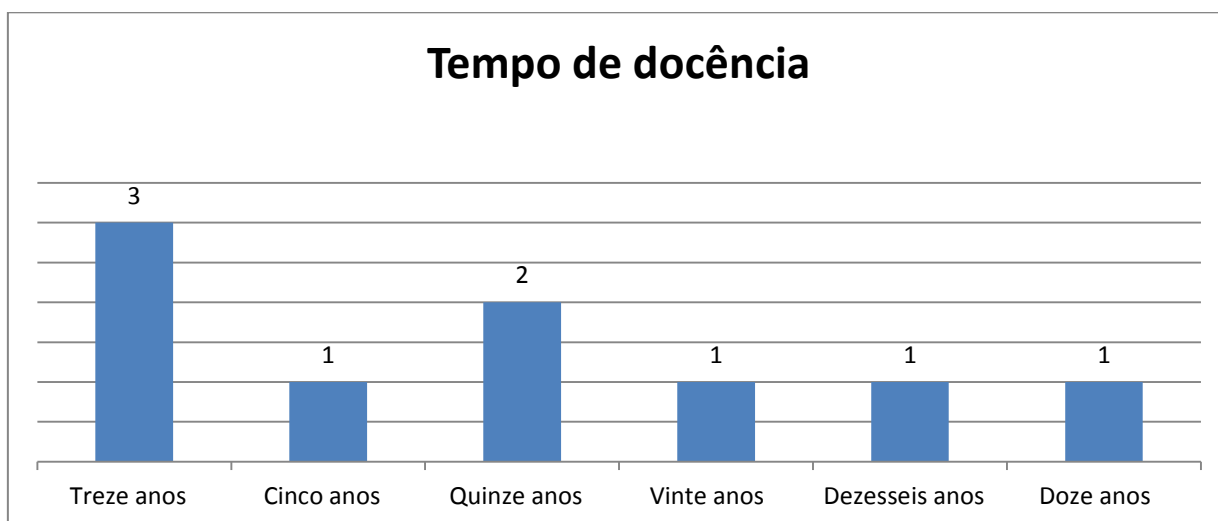


Figura 05: Representação quantitativa do tempo de docência.

Conforme analisou-se, das nove respostas obtidas apenas três confirmaram em seus relatos que não gostam de ser professoras, a docente C relatou que um dos motivos pelo qual não gosta é o fato de não ter domínio de sala de aula, segundo a docente F a educação é um área de trabalho muito desvalorizada por isso sente-se desvalorizada, para a docente H a relação de poder existente nas escolas retiram do educador o sua autonomia, além de afetar a nossa autoestima. As docentes A, B e G optaram em não justificarem suas respostas, as demais relataram que gostam da docência, pois é bastante prazeroso e gratificante fazer parte da aprendizagem das crianças.

Diante desta discussão viu-se que as respostas obtidas não se assemelharam, porém a afirmação da docente H com base em sua prática cotidiana e em sua visão crítica aproxima-se das ideias apresentadas por Freire (2011) que pensa a relação existente na escola como um espaço sem hierarquia, em que cada um de nós sempre tem algo novo a ensinar ao próximo, entretanto esse pensamento contradiz a relação relatada pela educadora ora citada.

Dando continuidade as respostas das questões na sequência das perguntas foi questionado na pergunta 7 (sete) **Qual sua compreensão a cerca do processo de alfabetização?** As educadoras responderam que:

Docente A: *“Eu acredito que alfabetizar é ler e escrever, é um conhecimento obtido pela criança, é reconhecer os símbolos gráficos da linguagem verbal”.*

Docente B: *“Alfabetização está relacionada ao processo de leitura e escrita de forma interligada”.*

Docente C: *“A alfabetização é um processo com início muito cedo e que não tem data para acabar, assim como não somos igualmente alfabetizados para qualquer situação de uso da linguagem escrita. Às vezes temos facilidades para ler determinado texto e evitamos outros”.*

Docente D: *“É um processo dinâmico pelo qual as crianças aprendem a ler e escrever”.*

Docente E: *“É um processo pelo qual os alunos aprendem a ler e escrever, ou seja, decodificar as letras”.*

Docente F: *“É o processo pelo qual a criança decodifica os símbolos escritos, ler e posteriormente escreve”.*

Docente G: *“É um processo complexo, onde a criança tem o seu tempo de aprender de acordo com o desenvolvimento cognitivo ela se apropria da aquisição do sistema de escrita, sendo seres únicos e heterogêneos”.*

Docente H: *“Acredito que o processo de alfabetização é construído de forma gradativa de acordo com a individualidade de cada um das oportunidades que são oferecidas, mas dependendo ela pode ser uma alfabetização decodificada ou vestir uma roupagem de significados e torná-la uma alfabetização letrada”.*

Docente I: *“Na minha concepção a alfabetização está voltada ao processo de escolarização, onde a criança aprende a ler e escrever, ou seja, se apropria dos códigos linguísticos, sendo capaz de decifra-los em qualquer situação do cotidiano”.*

Observa-se que as educadoras **A, B, D** e **E** consideram a alfabetização como um processo pelo qual a criança aprende a ler e escrever. Diante das concepções explicitadas pelas educadoras, Santos (2007), afirma que alfabetizar nos dias atuais, é muito além de “decodificar” e “codificar” textos, se estende por toda a vida do ser humano, é um processo ao longo da vida, que não está voltado simplesmente ao ato de ler e escrever,

muito embora que o domínio da leitura e escrita também são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades sociais de um indivíduo.

Neste contexto as docentes **A, B, D e E** consideram a alfabetização como um processo pelo qual a criança aprende a ler e escrever. Contribuíram com suas concepções contradizendo as afirmações das educadoras citadas anteriormente, tendo uma visão da alfabetização além do mero ato de ler e escrever as letras, as ideias apresentadas aproximam-se do pensamento de FREIRE (2013), em que nos coloca que o processo de alfabetização referencia-se ao conhecimento de mundo dos educandos, numa perspectiva gradativa e processual, que não se esgota no simples ato de decodificar e codificar a escrita.

Na questão 8 (oito) foi questionado: **Em sua opinião, o que você entende por letramento?** Relataram que:

Docente A: *“Vai além de ler e escrever, é uma leitura voltada a uma leitura que faça parte da vida do ser humano, o ser humano mesmo sem ser alfabetizado consegue fazer uma leitura de mundo”.*

Docente B: *“O letramento encontra-se no meio social, onde é levada em consideração a visão de mundo”.*

Docente C: *“Letramento é cultura escrita, faz parte da vida, se dá quando um adulto analfabeto precisa usar um ônibus e se orienta pelo treino.”.*

Docente D: *“É o resultado da ação de ensinar, ou seja, um indivíduo letrado sabe ler e escrever, e usa as demandas sociais da leitura e escrita”.*

Docente E: *“É o resultado da ação de ensinar, portanto o aluno tem a capacidade de ler, compreender, interpretar e produzir seus conhecimentos”.*

Docente F: *“Letramento trata-se da experiência e conhecimento que a criança tem com a leitura e isso muitas vezes independe da decodificação, falo da leitura de mundo da vivência”.*

Docente G: *“Entendo que seja uma contextualização e a utilização de leitura e escrita em práticas sociais”.*

Docente H: *“O letramento está associado à alfabetização, onde as pessoas entendem o que leem, o letramento vai além do processo de leitura que se apropria do conhecimento do mundo letrado que vivemos”.*

Docente I: *“Entendemos que o letramento faz parte da vida social do ser humano, está presente na escola, nos espaços públicos”.*

Segundo as percepções das nove educadoras acerca do letramento, podemos considerar que todas as afirmações se assemelham confirmando a prática do letramento como confirma a pesquisadora por Magda Soares (2006, p.39), que afirma o letramento como sendo *“da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”*. Contudo, analisamos as respostas de maneira positiva para o enriquecimento desta pesquisa.

Quando questionadas a respeito de: **Existe uma relação da proposta de alfabetização e letramento com os Parâmetros Curriculares Nacionais? Explique qual é a relação?** Todas as entrevistadas disseram que sim, exceto a docente “E”, as justificativas foram as seguintes:

Docente A: *“Pois acredito que a proposta é alfabetizar letrando, levar o docente a compreender o que está lendo, além de direcionar essa compreensão para o seu cotidiano”.*

Docente B: *“A proposta de alfabetização embasa-se nos PCN’s”.*

Docente C: *“Letramento é o estar em contato com distintos tipos de textos, e perceber a função social do texto”.*

Docente D: *“Os Parâmetros destacam que o ensino e a linguagem devem ser direcionados a três fundamentos básicos: a leitura, a compreensão e a produção numa relação de contexto social, isso significa que devemos alfabetizar letrando”.*

Docente E: *“Relatou que há relação com a proposta dos PCN’s, pois destacam que a alfabetização e o letramento dependem um do outro”.*

Docente F: *“A proposta de alfabetização e letramento embasa-se nos PCN’s, pois eles nos trazem propostas abrangentes objetivando acesso aos diversos conhecimentos*

necessário para a formação de cidadãos críticos, conscientes e participantes da sociedade”.

Docente G: *“Existe relação da prática de alfabetização e letramento com os PCN’s, pois estes nos asseguram a formação e construção de cidadãos críticos e participantes dentro dos direitos e deveres na sociedade em que estamos inseridos”.*

Docente H: *“Há relação sim, pois os PCN’s trazem a proposta de trabalhar com os temas transversais, assim aproximam os alunos do conhecimento de mundo oferecendo-lhes oportunidades seu conhecimento prévio e conseqüentemente construir uma alfabetização letrada”.*

Docente I: *“Existe uma relação sim, porque os PCN’s fazem referências aos processos de alfabetização, apresentando uma proposta curricular pautada na vivência do aluno, considerando os conhecimentos prévios dos mesmos”.*

De acordo com as informações explicitadas pelas docentes aqui mencionadas, exceto a educadora **E** não justificou a relação existente entre a proposta de alfabetização e letramento e os PCN’s, as demais apontaram pontos de vistas que estão correlacionados com a teoria abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), que se refere ao letramento como um produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. Nesta ideia são considerados os diversos níveis de conhecimentos prévios dos educandos.

Em outra questão foi indagado: **De que forma os processo de alfabetização se relacionam na prática social do educando?**

Responderam:

Docente A: *“De forma que o educando agora tem a oportunidade de ser alfabetizado e letrado, a partir do momento que ele convive e tem acesso a diversos gêneros textuais”.*

Docente B: *“Se relacionam através dos conhecimentos prévios, de maneira que um depende do outro”.*

Docente C: *“A cultura escrita tem início depois da aprendizagem de códigos, assim o processo de alfabetização é desencadeando o acesso a cultura letrada”.*

Docente D: *“A partir do momento que o aluno desperta o gosto pela leitura, quando ele consegue opinar e produzir seus conhecimentos”.*

Docente E: *“A partir do momento que o aluno desperta para o mundo literário”.*

Docente F: *“Preparando o sujeito crítico, responsável e participativo, de forma a atender as demandas da sociedade contemporânea, que passa por constantes transformações exigindo cada vez mais do educando”.*

Docente G: *“De diversas formas, os mais relevantes são: o uso dos gêneros textuais, nas mais diversas maneiras de socializar e trabalhar com o nosso educando”.*

Docente H: *“Da forma que o aluno não pense o conhecimento que adquiriram com a alfabetização e letramento como um amuleto para o futuro, mas que utilizem nas suas práticas cotidianas, para tornar a sua vida melhor e ser um cidadão ativo no exercício de sua cidadania”.*

Docente I: *“No momento que estamos desenvolvendo uma prática pedagógica com fins na aprendizagem significativa para os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, como também apitando o currículo ao desenvolvimento cognitivo do educando acredito que seja uma prática de alfabetizar letrando”.*

Como se pode perceber nas distintas opiniões mostradas diretamente e indiretamente, se associam a presença dos dois processos de alfabetizar letrando, somente a docente **F** explicitou uma opinião que podemos desconsiderar dentro do campo educacional porque a opinião apresentada se opõe a algumas ideias apresentadas na literatura aqui referenciada que é quando a mesma afirma que a função social do indivíduo é atender a demanda da sociedade contemporânea, nossa missão é sermos indivíduos críticos, reflexivos e participativos no meio social em prol de uma sociedade mais humana, em que se possa exercer a própria autonomia e ter liberdade de pensar e agir frente à realidade capitalista.

Ainda nesta perspectiva de acordo com (SANTOS, 2007, p.21.) alfabetizar letrando é muito além de decifrar código:

É poder estar inserido em práticas diferenciadas de leitura e escrita e poder vivenciá-las de forma autônoma, sem precisar da mediação de outras pessoas que sabem ler e escrever. Como cabe à escola garantir a formação de cidadãos

letrados, resta-nos construir estratégias de ensino que permitam alcançar aquela meta: alfabetizar letrando.

De acordo com a reflexão acima citada cabe, portanto, a escola viabilizar o acesso dos discentes ao universo de variados tipos de textos que circulam socialmente, sistematizando-os nas diferentes disciplinas do cotidiano escolar, buscando ensinar os mesmos a produzi-los e a interpretá-los para que se possa favorecer a reflexão crítica.

No pensamento de levar os educadores a analisarem suas metodologias, foi questionado: **Que metodologia você utiliza em sala de aula para proporcionar o processo de alfabetização?**

Docente A: *“Atividades envolvendo jogos educativos como cartelas de palavras, alfabeto móvel, auto ditado, ditado recortado, textos fatiados, etc”.*

Docente B: *“Exposição de leitura, diversos gêneros textuais, materiais concretos, procuro direcionar os conteúdos a faixa etária das crianças”.*

Docente C: *“Uso variados tipos de textos, permitindo que os discentes entrem em contato com as diversas funções da escrita”.*

Docente D: *“Atividades diversificadas como jogos, que levam os alunos a levantarem suas próprias hipóteses”.*

Docente E: *“Uma metodologia diversificada, para que as crianças aprendam de maneira prazerosa”.*

Docente F: *“Uma metodologia mais voltada para o dinamismo que forneça ferramentas para que o aluno se aproprie da escrita de forma prazerosa e significativa, que não busque apenas a decodificação, buscando cada vez mais uma alfabetização letrada”.*

Docente G: *“Hoje seguimos uma proposta educacional dos primeiros saberes, juntamente com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) que vem interligar por meio da alfabetização e letramento, tendo uma rotina diária, onde abrange a contextualização e a interdisciplinaridade, oportunizando uma metodologia diversificada”.*

Docente H: *“Uma metodologia voltada para uma dinâmica interativa, proporcionando a criança construir novos conhecimentos, partindo do que já trazem de sua cultura e da*

sua vida social, interagindo com a simbologia do sistema alfabético, de diversos textos literários e oportunidades de produção e criação”.

Docente I: *“Usamos como metodologia pedagógica atividades diferenciadas como rodas de leitura cotidianamente, brincadeiras envolvendo jogos pedagógicos, construção de trabalhos coletivos e individuais onde os educandos possam expressar suas ideias de maneira espontâneas, entre outras”.*

Conforme se observou, não há semelhança entre as sugestões de materiais usados por todas as docentes em sala de aula, como recursos didáticos como meta de favorecer aos alunos uma aprendizagem significativa. No entanto, a maneira como se faz uso desses recursos foram apresentadas pelas mesmas de maneira vaga, apenas deixando explícito os recursos utilizados, os quais enfocaremos que são necessários para o desenvolvimento de uma metodologia inovadora, diferentemente da metodologia que segundo Libâneo (1994), é o meio pelo qual o professor se apropria dos recursos didáticos para favorecer a aprendizagem dos conteúdos de forma significativa para o aprendiz.

Para compreender melhor as dificuldades relacionadas e estruturadas foi questionado: **Quais as dificuldades encontradas no espaço escolar que dificultam a prática pedagógica do professor com relação ao processo de alfabetizar letrando?**

Docente A: *“Acredito que é o número elevado de alunos por turma e a falta de parceria entre família e escola”.*

Docente B: *“A indisciplina dos alunos, a falta de acompanhamento por parte da família, a falta de apoio da gestão escolar, o fato de grande número de pais serem analfabetos e os reflexos negativos advindos do meio familiar e social”.*

Docente C: *“Se o educador gostar de ler e fazer uso dos textos que circulam socialmente não encontrará dificuldades”.*

Docente D: *“O número de aluno por sala é muito elevado, espaço pequeno e falta de materiais”.*

Docente E: *“O espaço não dá para acomodar as crianças, falta de apoio familiar entre outros”.*

Docente F: *“O sistema educacional almeja por uma alfabetização letrada em seus discursos, mas na prática encontramos várias dificuldades como: a falta de uma política democrática, recursos didáticos, as relações existentes na escola, a ausência da família, bem como a cultura tradicional enraizada na comunidade escolar”.*

Docente G: *“Uma das dificuldades é a indisciplina, ou seja, uma família mais estruturada que dialogue que interfira na vida e na construção do educando positivamente; escola e família (falta de diálogo), a falta de intervenção de outros profissionais que necessitamos como apoio, os recursos não é suficiente que nos apoiam constantemente na nossa pratica diária”.*

Docente H: *“As dificuldades podem ser variadas, mas a que mais se apresenta é a falta de conhecimento presente na cultura escolar, que só ver como aprendizagem a alfabetização decodificada, desvalorizando o conhecimento dos professores, culpa os professores pelo fracasso dos alunos com déficit e continua atendendo o sistema educacional que mostra muito e faz pouco”.*

Docente I: *“No dia a dia da sala de aula é presente várias dificuldades que dificultam o processo de alfabetizar letrando, visto que ainda temos altos índices de alunos por turmas, às estruturas físicas das escolas muitas vezes não são confortáveis, a cobrança do sistema educacional em querer que o aluno avance além do seu tempo de maturidade, os recursos didáticos disponíveis não supre a necessidade das escolas, etc”.*

Com base na análise das respostas obtidas os educadores **A, D, E, e I** confirmaram as mesmas questões, que o espaço físico da escola não comporta a quantidade de alunos matriculados em cada sala, uma vez que essa problemática é contraditória ao que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996), que nas salas de Educação Infantil ao terceiro ano do Ensino Fundamental I, o número de alunos por turma é até 25 alunos e do quarto ao quinto ano até 35 alunos por sala, que não é o caso da realidade pesquisada, quase todos os docentes tinham mais de 25 alunos por sala.

No que diz respeito à participação da família na vida escolar dos filhos os professores **B, E, F e G** confirmaram que os pais são bastante ausentes da vida escolar das crianças, sabe-se o quanto a presença da família na escola é importante para a aprendizagem dos educandos. A educadora F em sua citação revela a presença de práticas tradicionais no sistema educacional, ou seja, o sistema prega uma teoria construtivista,

mas na prática o resultado da aprendizagem é cobrado através do método tradicional de ensino, com avaliações que tem por objetivo medir números, para favorecer a elite social.

Em meio a essa problemática, as docentes **B** e **H** destacaram a falta de conhecimento da comunidade, alto índice de famílias analfabetas, que devido o analfabetismo não conseguem acompanhar os filhos nas atividades extra classe que são enviadas com a intenção de ampliar o conhecimento vivenciado em sala de aula. Segundo a educadora **G** a falta de profissionais de outras áreas específicas como psicólogos e assistentes sociais que possam nos auxiliar nos problemas sociais também são desafios encontrados no âmbito escolar. A partir dessa breve análise percebe-se que os problemas sociais interferem bastante na aprendizagem das crianças da referida localidade.

Além de outros fatores que foram levantados a cerca desta temática como materiais insuficientes para que os educadores criem possibilidades de um ambiente alfabetizador. A falta de uma gestão democrática e comprometida com a aprendizagem dos envolvidos neste espaço de construção que é a escola. Entende-se neste contexto o quanto a falta de cooperação entre as equipes pedagógicas das instituições escolares comprometem o rendimento escolar dos educandos. Daí a importância de estarmos constantemente pensando e repensando nossa prática docente.

5. CONCLUSÕES

Os processos de alfabetização e letramento ainda são uma realidade que necessita ser ampliada e analisada criticamente, mesmo considerando que os esforços por parte dos educadores envolvidos nestes processos são tão importantes, quanto os referenciais e legislações que determinam sua execução. No entanto, é de grande relevância enfatizar que a função social da escola é promover aos discentes um ambiente alfabetizador, onde eles se sintam integrados e acolhidos para que assim possam construir uma aprendizagem que venham lhes proporcionar uma base sólida, dando-lhes possibilidades de avançarem nas séries posteriores com êxito.

Diante dessa problemática, analisou-se que a maioria dos docentes questionados desenvolvem suas aulas de maneira dinâmica e atrativa, como também valorizam os conhecimentos sócio culturais dos alunos, respeitando sua cultura, considerando que o meio cultural letrado tem forte influência no processo de alfabetização.

Com relação ao ambiente educacional, observou-se que os docentes procuram constantemente engajar-se nas atividades desenvolvidas na escola, porém é importante investir no campo educacional, com relação à melhoria das estruturas físicas das escolas. Há a necessidade de se ampliar o prédio da instituição onde o presente estudo foi realizado, aumentando assim o número de sala de aulas para que possam atender com mais sucesso as necessidades da comunidade local, visando melhor rendimento do aprendizado.

Portanto, em meio ao estudo realizado verificou-se que a maior parte das respostas obtidas pelos docentes enquadra-se no perfil de educador com uma perspectiva voltada ao processo de alfabetização e letramento, a minoria de acordo com os relatos coletados consideram os processos de alfabetização e letramento como mera “decodificação” e “codificação” de palavras e sons, apresentando assim uma percepção contraditória ao que de fato condiz com a prática de alfabetizar letrando, que considera os conhecimentos prévios dos educando, como forma de ampliar a formação escolar do aluno.

No entanto, entendemos como um grande desafio trabalhar com a comunidade e com a heterogeneidade de crianças, uma vez que é esperado dos docentes o desenvolvimento de práticas pedagógicas interativa, que venham a somar ao contexto social o qual nós cotidianamente fazemos parte, mediante esse sentido ainda

confrontamos com o descaso por parte do poder público de todas as esferas, com relação aos investimentos no processo de alfabetização e letramento.

Tendo em vista que investir na Educação Básica é projetar futuramente educação de qualidade, é reconhecer que a educação cresce de baixo para cima, e não o contrário, pois, a criança tendo domínio nestas fases de sua vida escolar, com certeza formará cidadãos críticos, que irão evoluindo gradativamente nas séries seguintes. Podemos afirmar e reafirma através da prática e da teoria que são nestes estágios de escolarização que devem ser priorizados o dinamismo e a flexibilidade por parte dos envolvidos no processo educacional.

Enquanto, as classes dominantes não abrirem os “olhos” dando espaço para que a educação de fato se torne emancipadora. Acredita-se que a educação continuará evoluindo de maneira lenta no decorrer dos anos. Como se falou é contraditório, por isso não se pode generalizar, visto que enquanto uns esperam acontecer outros caminham em busca da mudança. A partir dos resultados obtidos pode-se concluir que diversos fatores, dos quais destacaremos aqui, o político, o econômico, cultural, dentre outros, tem forte influências no desenrolar do processo de alfabetização e letramento.

6. REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO: **Apropriação do sistema de escrita alfabética** /organizado por Artur Gomes Morais, /Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal — Belo Horizonte: Autêntica, 2005.168 p.

ANTUNES, Helenise Sangoi. **Alfabetização e Formação de Professores: Algumas Reflexões Sobre a Leitura e a Escrita.** Revista do Centro de Educação - UFSM. V. 38, nº 2, maio/ago. 2013.

BALL, Stephen J. MAINARDES, Jefferson. (Organizadores). Políticas educacionais: Questões e Dilemas. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011. 286 p.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. **Leitura e produção de textos na alfabetização** / organizado por Ana Carolina Perrusi Brandão e Ester Calland de Sousa Rosa. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 144 p.

BEAUCHAMP, Jeanete. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade** / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.135 p.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia** / Franco Cambi; Tradução de Álvaro Lorencini. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999 – (Encyclopaideia). 703 p.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador** / Marlene Carvalho. -I ed. – São Paulo: Ática, 2010. 103 p. – (Princípios).

Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média. Amélia Domingues de Castro; Anna Maria Pessoa de Carvalho; Organizadoras. São Paulo: Thomson Learning, 2006. 195 p.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização** / Emília Ferreiro. – 26. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011 – (Coleção questões da nossa época; v. 6).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessário a Prática Educativa** / Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011. 43ª ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**/ Paulo Freire, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013. 54ª ed.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o Letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? / Ângela B. Kleiman, São Paulo, Unicamp. 2005.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos - 5. Ed. - São Paulo: Atlas 2003, 311. p.

LDB, Lei nº 9.394 Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 20/12/1996. Editora do Brasil S/A.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** / José Carlos Libâneo. – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. 2º grau. Série Formação de Professor). 263 p.

LÍNGUA PORTUGUESA: **Ensino Fundamental** / Coordenação, Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010. 200 p.il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

MARTINS, Angela Maria Souza. **Breves Reflexões sobre as Primeiras Escolas Normais no Contexto Educacional Brasileiro, no Século XIX.** VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas – “História, Sociedade e Educação no Brasil” – História, Educação e Transformação: Tendências e Perspectivas. De 30 de junho a 03 de julho de 2009. Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP.

MARQUES, Maria das Dores Venâncio; Denise Domingos da Silva. **Percepções de Professores Sobre Alfabetização e Letramento.** Trabalho apresentado em comunicação oral no II Encontro de Pós-Graduação em Educação do CES/UFCG. O Professor e as Novas Tendências da Educação. Realizado entre os dias 11 e 13 de Novembro de 2013.

MARQUES, Maria das Dores Venâncio; Denise Domingos da Silva. **Percepções de Professores Sobre Alfabetização e Letramento.** Trabalho apresentado no XII SEPE – Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão. As Múltiplas Dimensões das Humanidades: Sociedade, Natureza e Cultura. em comunicação oral. Realizado entre os dias 05 a 07 de novembro de 2013, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – PB.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 2001. 144 p.

PRÓ – LETRAMENTO: **Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/ Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem.** – ed. Ver. e ampl. Incluindo SAEB / Prova Brasil Matriz de Referência / Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2007. 364 p.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e Letramento: Conceitos e Relações** / Organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1 ed., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 152 p.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos.** Revista Pedagógica Pátio. Fevereiro/2004. Editora Artmed. 5 p.

TORNAGHI, Alberto José da Costa. **Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC:** guia do cursista / Alberto José da Costa Tornaghi, Maria Elisabette Brisola Brito Prado, Maria Elizabeth Biancocini de Almeida. – 2. Ed. – Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2010. 120 p.

Um Olhar Sobre Concepções e Práticas da Educação na região do Curimataú – PB. / Denise Domingos da Silva; João Batista da Silva; Cláudia Patrícia F. dos Santos; André Antunes Martins. (Organizadores) – Campina Grande: EDUFCEG, 2012. 108 p.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Rosana Amâncio Pereira – CRB 15 – 791

M357p

Marques, Maria das Dôres Venâncio.

Percepções de professores sobre alfabetização e letramento na E. M. E. F. Benedito Venâncio dos Santos. / Maria das Dôres Venâncio Marques – Cuité: CES, 2013.

49 fl.

Monografia (Curso de Especialização com Foco Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2013.

Orientadora: Dra. Denise Domingos da Silva.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Prática docente. I.
Título.

CDU 37.014.22